

Próximo Passo

Suplemento Literatura

Subprograma 2018-2020



TEXTO I - AUGUSTO DOS ANJOS - O MORCEGO

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.

“Vou mandar levantar outra parede ...”
— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforços faço. Chego
A tocá-lo. Minh’alma se concentra.
Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!

ATIVIDADES

Julgue os itens de 1 a 8.

1. Quanto ao seu aspecto formal, o texto representa uma reação à estética parnasiana, cuja preocupação primeira é com a elaboração técnica do texto, traduzida pela expressão “arte pela arte”.
2. A leitura do poema confirma a tendência renovadora do autor: a desvinculação da palavra do compromisso com o belo, pelo uso de vocábulos que a tradição julga antipoéticos.
3. O poema enfatiza um “eu” particularizado, bastante subjetivo, contrariando uma tendência do autor, o qual procura, na maior parte de sua produção, uma abordagem mais universalizante.
4. A voz poética apodera-se de um recurso da prosa naturalista pela utilização da imagem de um morcego.
5. O texto revela a sensação do inevitável, da impossibilidade humana de escapar de sua própria consciência.
6. Enquanto percepção do mundo, o poema apresenta um caráter doentio da sociedade especificamente moderna por meio do gosto pelo macabro.
7. O texto representa realisticamente as dificuldades do cotidiano sem associá-lo às reflexões de cunho existencial.
8. Observa-se, na obra de Augusto dos Anjos, o olhar clínico, o comportamento analítico, até mesmo certa frieza, certa impessoalidade científica.
9. Do hibridismo estético peculiar à literatura de Augusto dos Anjos, a influência que, no poema, mais se destaca no soneto é a:
 - a) romântica, na medida em que a condição humana é profundamente idealizada.
 - b) realista, na medida em que a crítica social figura como principal temática do poema.
 - c) barroca, na medida em que aspectos contrastantes são deliberadamente harmonizados nos versos.
 - d) simbolista, na medida em que a condição humana é percebida a partir de uma visão trágica e decadentista.

TEXTO II - MANUEL BANDEIRA - CONSOADA

Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
– Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com os seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.

ATIVIDADES

Julgue os itens de 10 a 16.

10. As expressões “a Indesejada das gentes”, “iniludível” e “noite” constituem eufemismos para a ideia de morte.
11. A inserção de um travessão (v. 5) representa a liberdade formal cultivada pelos primeiros modernistas.
12. Há a expressão de uma segurança e uma certeza do futuro do início ao fim do poema.
13. Manuel Bandeira fugiu completamente do combate e da renovação estética promovida na primeira fase modernista.
14. Os versos finais sugerem uma tranquilidade do eu lírico frente à vida que se findará.
15. O tom melancólico e subjetivo é marca do poeta, tido pela nossa crítica como o “mais subjetivo dos primeiros modernistas”.
16. A reação confusa do eu lírico (“Talvez eu tenha medo. / Talvez sorria, ou diga:”) revela que, para ele, a morte é aceita, mas não desejável.
17. Ao final do poema, o poeta revela:
 - a) Seu desencanto diante da vida que não pôde viver normalmente por causa da doença.
 - b) Seu sentimento de religiosidade e fé diante da vida e da morte.
 - c) Seu inconformismo diante do destino que a vida lhe reservou.
 - d) Sua tranquilidade diante da morte por haver cumprido seu papel na vida.

TEXTO III - CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE – A NOITE DISSOLVE OS HOMENS

A noite desceu. Que noite!
Já não enxergo meus irmãos.
E nem tão pouco os rumores
que outrora me perturbavam.
A noite desceu. Nas casas,
nas ruas onde se combate,
nos campos desfalecidos,
a noite espalhou o medo
e a total incompreensão.
A noite caiu. Tremenda,
sem esperança... Os suspiros
acusam a presença negra

que paralisa os guerreiros.
E o amor não abre caminho
na noite. A noite é mortal,
completa, sem reticências,
a noite dissolve os homens,
diz que é inútil sofrer,
a noite dissolve as pátrias,
apagou os almirantes
cintilantes! nas suas fardas.
A noite anoiteceu tudo...
O mundo não tem remédio...
Os suicidas tinham razão.

Aurora,
entretanto eu te diviso, ainda tímida,
inexperiente das luzes que vais acender
e dos bens que repartirás com todos os homens.
Sob o úmido véu de raivas, queixas e humilhações,
adivinho-te que sobes, vapor róseo, expulsando a treva
noturna.
O triste mundo fascista se decompõe ao contato de teus
dedos,
teus dedos frios, que ainda se não modelaram
mas que avançam na escuridão como um sinal verde e
peremptório.
Minha fadiga encontrará em ti o seu termo,
minha carne estremece na certeza de tua vinda.
O suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes se
enlaçam,
os corpos hirtos adquirem uma fluidez,
uma inocência, um perdão simples e macio...
Havemos de amanhecer. O mundo
se tingem com as tintas da antemã
e o sangue que escorre é doce, de tão necessário
para colorir tuas pálidas faces, aurora.

ATIVIDADES

Julgue os itens de 18 a 25.

18. As metáforas (noite e aurora) comportam-se como um jogo antitético de afastamento e de aproximação das duas faces distintas do poema.

19. À medida que o medo, representado pela noite, sufoca o eu lírico, a esperança, representada pela aurora, ainda que Tateando em meio a um terreno desacolhedor, representa a luz das novas possibilidades de reconstrução.

20. O texto pertence à segunda fase de produção de autor, marcada, sobretudo, pela investigação do indivíduo isolado em seu contexto histórico e social.

21. Há no poema uma evidente crítica aos efeitos decorridos da Segunda Guerra Mundial.

22. O verso "Havemos de amanhecer" traduz um sentimento de desilusão e de pessimismo alimentado pelo eu lírico durante todo o poema.

23. No poema, o resgate memorialista conduz à avaliação de um cenário social em intensa desordem.

24. Para o eu lírico, a solidariedade é o recurso confiável para a transformação de uma realidade desconcertada.

25. No texto, a crítica política cede espaço ao idealismo juvenil que traça um retrato harmônico do mundo contemporâneo.

26. A fase de consolidação do Modernismo brasileiro representou um amadurecimento de temas e formas, pois já não havia mais a necessidade de uma renovação artística - ela já fora alcançada. Assim, ao comparar o poema de Drummond às produções heroicas, profundas mudanças no fazer poético podem ser percebidas, pois o poeta

- retoma a idealização da natureza presente em estéticas do passado.
- nega a liberdade formal alcançada pelos modernistas da primeira geração.
- realiza uma leitura crítica do contexto histórico e social da época em que vive.
- revela uma preocupação de ordem individual e particular perante sua própria existência.

TEXTO IV - JOÃO CABRAL DE MELO NETO - TECENDO A MANHÃ

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

In: MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**: volume único.
Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p.345.
(Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira)

ATIVIDADES

Julgue os itens de 27 a 33.

27. A expressão "Um galo sozinho não tece a manhã" (v. 1) aproxima-se, em estrutura e sentido, do ditado popular "Uma andorinha só não faz verão".

28. Na primeira estrofe, os galos convocam a manhã, que se apresenta no verso dez e domina a segunda estrofe.

29. Ao organizar o seu discurso, o eu lírico limita-se ao momento presente e à dimensão individual.

30. Pode-se aproximar o canto do galo "tecendo a manhã" com o canto do poeta sendo tecido, verso a verso, fio a fio, no poema.

31. Pode-se situar o poema como uma alegoria sobre a identidade individual por meio de uma realização pessoal.

32. A preocupação do poeta com a estrutura do poema apresentado permite aproximá-lo do conceito de neoparnasiano.

33. Para João Cabral de Melo Neto, o engenheiro das palavras, o fazer poético é semelhante a um ofício - não decorre, portanto, somente da intuição, mas de um trabalho árduo e constante.

34. Sob a alcunha de “engenheiro das palavras”, João Cabral de Melo Neto é tido pela crítica como um autor neoparnasiano. Tendo como base o poema “Tecendo a manhã”, justifica-se essa classificação, pois nota-se no poema o(a)

- a) distanciamento do rigor formal.
- b) uso preciosista da língua portuguesa.
- c) defesa da arte como um fim em si mesma.
- d) preocupação com a estrutura de seu poema.
- e) discurso ideológico e político presente em seus versos.

TEXTO V - JORGE WANDERLEY - ESSES CHOPES DOURADOS [FRAGMENTO]

[...]

quando a geração de meu pai
batia na minha
a minha achava que era normal
que a geração de cima
só podia educar a de baixo
batendo

quando a minha geração batia na de vocês
ainda não sabia que estava errado
mas a geração de vocês já sabia
e cresceu odiando a geração de cima

aí chegou esta hora
em que todas as gerações já sabem de tudo
e é péssimo
ter pertencido à geração do meio
tendo errado quando apanhou da de cima
e errado quando bateu na de baixo

e sabendo que apesar de amaldiçoados
éramos todos inocentes.

ATIVIDADES

Julgue os itens de 35 a 41.

35. No poema, o eu lírico expressa uma série de percepções de atitudes e de valores situados na passagem do tempo.

36. O rigor formal e o preciosismo linguístico conferem o tom engajado ao discurso poético.

37. Nota-se no poema a temática da efemeridade, representada nas convicções vistas, antes, como sólidas.

38. A liberdade formal e os traços de oralidade aproximam o leitor da fala do eu lírico.

39. O eu lírico apresenta-se aflito frente à incerteza da mudança por parte das futuras gerações.

40. Reduz-se o poema à abordagem da revolta das novas gerações contra modelos tradicionais de educação.

41. A discussão sobre os choques de geração é uma temática cara à literatura contemporânea.

TEXTO VI - HILDA HILST - POEMA AOS HOMENS DO NOSSO TEMPO [FRAGMENTO]

Enquanto faço o verso, tu decerto vives.
Trabalhas tua riqueza, e eu trabalho o sangue.
Dirás que sangue é o não teres teu ouro

E o poeta te diz: compra o teu tempo
Contempla o teu viver que corre, escuta
O teu ouro de dentro. É outro o amarelo que te falo.
Enquanto faço o verso, tu que não me lês
Sorris, se do meu verso ardente alguém te fala.
O ser poeta te sabe a ornamento, desconversas:
“Meu precioso tempo não pode ser perdido com os poetas”.
Irmão do meu momento: quando eu morrer
Uma coisa infinita também morre. É difícil dizê-lo:
MORRE O AMOR DE UM POETA.
E isso é tanto, que o teu ouro não compra,
E tão raro, que o mínimo pedaço, de tão vasto

Não cabe no meu canto.

ATIVIDADES

Julgue os itens de 42 a 47.

42. O eu lírico critica o materialismo exacerbado, responsável por impedir que os indivíduos percebam a riqueza que existe na arte, nos sentimentos e na poesia.

43. Infere-se, no poema, o apoio à busca do ouro, metal precioso muito importante para o desenvolvimento da Humanidade.

44. A temática do amor não correspondido, presente no poema, remete às idealizações propostas durante o período romântico.

45. O eu lírico tece um elogio ao sentimentalismo exagerado, o qual tenta se sobrepôr às necessidades materiais, vistas como menos importantes.

46. Nos versos “Trabalhas tua riqueza, e eu trabalho o sangue. / Dirás que sangue é o não teres teu ouro”, a palavra “sangue” é utilizada para expressar a ideia de sacrifício.

47. Para distanciar-se do conflito estabelecido, o eu lírico mantém uma postura impessoal diante das imagens construídas.

48. Predomina no fragmento a função da linguagem:

- a) emotiva.
- b) metalinguística.
- c) fática.
- d) referencial.

TEXTO VII - CUTI - QUEBRANTO [FRAGMENTO]

às vezes sou o policial que me suspeito
me peço documentos
e mesmo de posse deles
me prendo e me dou porrada
às vezes sou o porteiro
não me deixando entrar em mim mesmo
a não ser
pela porta de serviço
[...]
às vezes faço questão de não me ver
e entupido com a visão deles
sinto-me a miséria concebida como um eterno
começo
fecho-me o cerco
sendo o gesto que me nego

a pinga que me bebo e me embebedo
o dedo que me aponto
e denuncio
o ponto em que me entrego.
às vezes!...

ATIVIDADES

Julgue os itens de 49 a 54.

49. O poema de Cuti apresenta elementos que traduzem experiências históricas de preconceito e violência.

50. O discurso do eu lírico revela uma identificação com o discurso de seu opressor.

51. O texto apresenta a possibilidade da discriminação como forma de fortalecimento de uma postura social.

52. O poema confere o tom engajado a partir da denúncia de um passado de opressão e injustiças.

53. Processam-se, nos versos, uma perda de identidade e de noção de pertencimento político.

54. O distanciamento do rigor formal e sintático auxilia o discurso social pretendido pelo poeta.

TEXTO VIII - ANA CRISTINA CÉSAR - SONETO

Pergunto aqui se sou louca
Quem quer saberá dizer
Pergunto mais, se sou sã
E ainda mais, se sou eu

Que uso o viés pra amar
E finjo fingir que finjo
Adorar o fingimento
Fingindo que sou fingida

Pergunto aqui meus senhores
quem é a loura donzela
que se chama Ana Cristina

E que se diz ser alguém
É um fenômeno mor
Ou é um lapso sutil?

ATIVIDADES

Julgue os itens de 55 a 60.

55. No poema, o distanciamento das questões sociais e ideológicas aproxima o discurso da vertente da “arte pela arte”.

56. O tom confessional dos versos confere uma atmosfera de intimismo à voz do eu lírico.

57. Embora estruturado na forma fixa do soneto, o poema não apresenta rimas e métrica regular.

58. A investigação de ordem existencialista traduz a tranquilidade do eu lírico ao olhar para si mesmo.

59. A expressão “lapso sutil”, presente no último verso, pode ser aproximada ao valor semântico de “epifania”.

60. A visão fragmentada sobre si mesma é mimetizada formalmente em versos curtos, reticentes e alegóricos.

61. A dicotomia louca/sã, presente na primeira estrofe, expressa:

- a metáfora que sintetiza o perfil do eu lírico.
- o paradoxo da busca por quem se é.
- a antítese de ser “várias” em “uma só”.
- o exagero daquela que ainda não conhece sua personalidade.

TEXTO IX - JOÃO GUIMARÃES ROSA - O RECADO DO MORRO [FRAGMENTO]

Ao sim, tinha viajado, tinha ido até princípio de sua terra natural, ele Pedro Orósio, catrumano dos Gerais. Agora, vez, era que podia ter saudade de lá, saudade firme. Do chapadão — de onde tudo se enxerga. Do chapadão, com desprumo de duras ladeiras repentinas, onde a areia se cimenta: a grava do areal rosado, fazendo pururuca debaixo dos cascos dos cavalos e da sola crua das alpercatas. Ou aquela areia branca, por baixo da areia amarela, por baixo da areia rosa, por baixo da areia vermelha — sarapintada de areia verde: aquilo, sim, era ter saudade! O vivido velho dos vaqueiros, gritando galope, encourados rentes, aboiando. Os bois de todo berro, marruás com marcas de unha de onça. Chovia de escurecer, trovoava, trovoava, a escuridão lavrava em fogo. E na chapada a chuva sumia, bebida, como por encanto, não deitava um lenço de lama, não enxurrava meio rego. Depois, subia um branco poder de sol, e um vento enorme falava, respondiam todas as árvores do cerrado — a caraíba, o bate-caixa, a simaruba, o pau-santo, a bolsa-de-pastor. De lua a lua. Sempre corriam as emas, os veados, as antas. Sonsa, nadava a sucurijú. Tanto o gruxo de gaviões, que voavam altos, os papagaios e araras, e a maria-branca cantava meiguinha, todo aquele arvoredo ela conhecia, simples, saía pimpã do meio das folhas verdes com um finho de cabelo de boi no bico. Ar assim farto, céu azul assim, outro nenhum. Uma luz mãe, de milagre. E o coração e corôo de tudo, o real daquela terra, eram as veredas vivendo em verde com o muito espelho de suas águas, para os passarinhos, mil — e o buritizal, realegre sempre em festa, o belo-belo dos buritis em tanto, a contra-sol.

ATIVIDADES

Julgue os itens de 62 a 73.

62. A descrição regional promovida pelo autor confere um ar mítico ao espaço em que as ações são desenvolvidas.

63. O trecho resgata a cultura cidadina e letrada do Brasil rural, entendido como avançado e moderno.

64. A obra apresenta a musicalidade da fala sertaneja e revitaliza recursos da expressão poética.

65. O fragmento apresentado traduz os costumes das populações nordestinas, numa linguagem que muito se aproxima da utilizada pelos escritores do fim do século XIX.

66. O vocabulário “ingênuo” e “espontâneo” das personagens representa a bondade natural do ser humano, defendida amplamente pelo autor.

67. A linguagem do narrador rompe as fronteiras entre prosa e poesia ao aproveitar-se do estilo duro e seco da fala de suas personagens.

68. Na obra, a tendência regionalista acaba assumindo a característica de experiência estética universal.

69. Em Guimarães Rosa, o folclórico, o pitoresco e o documental cedem lugar a uma maneira nova de repensar as dimensões da cultura.

70. Apesar da presença de várias personagens, a narrativa de “O recado do morro” gira em torno da figura de Pedro Orósio, então caracterizado como personagem central da trama.

71. No deslocamento espacial e temporal de Pedro Orósio, ao longo da narrativa, é possível perceber investimentos linguísticos que levam a reflexões existenciais.

72. O número de fazendas por onde passa a comitiva guiada por Pê-Boi e os nomes dos donos dessas fazendas carecem de valor significativo na obra.

73. A narrativa traz marcação cronológica que, acompanhada das referências espaciais, constrói a trajetória de ‘viagem’ da personagem central, em seu sentido mais amplo.

74. A leitura da obra “O recado do morro” evidencia que Guimarães Rosa:

- transmitiu ao nosso regionalismo valores universais, ao abordar dúvidas do próprio homem, numa linguagem recriada poeticamente.
- continuou a tradição das obras regionalistas anteriores, especialmente as do ciclo da cana-de-açúcar, que denunciam a injustiça social.
- foi mais valorizado como poeta, pela retomada dos recursos expressivos da língua, com sua linguagem plena de sonoridades e figuras literárias.
- retomou a influência científica e a linguagem objetiva e enxuta de Euclides da Cunha, autor de “Os Sertões”, para explicar a psicologia do sertanejo.

TEXTO X - JOÃO UBALDO RIBEIRO - SARGENTO GETÚLIO [FRAGMENTO]

Vosmecê me desculpe, mas desafaste dessa porta. De fato, essa é a metralhada, de maneiras que não abre de jeito e qualidade. Mas via das dúvidas não encoste, que vosmecê eu tenho responsabilidade. Vosmecê me desculpe eu ficar prosando o tempo todo. É para não dormir. Não sei nem o que eu estou falando, ou o que eu estou pensando. Quando estou pensando, estou falando, quando estou falando, estou pensando, não sei direito. Vosmecê não precisa responder, apesar de que é falta de educação. É como assim: se eu dormir, vosmecê faz por tirar a minha arma, me acertar, dar um tiro no toutiço de Amaro e se enfiar pelos matos até achar guarida. Enquanto isso, eu aqui prosando, como se vosmecê fosse meu compadre e a gente tivesse na beira do batistério. An-bem, não posso dizer que fosse do seu gosto conversar comigo, pois se vosmecê, se eu cochilasse, me sacava a garrunchinha de fé e me socava um balaço nas fontes. Agora, eu também, se acordasse antes, com o puxavão da arma, com a mesma arma lhe brocava o crane e não me incomodo se vosmecê me diz que tem ginásio. Se alembre: se em vez de lhe buscar em Paulo Afonso com todos cuidados e lhe trazer nessa viagem tirana da peste, peste, peste, peste!

ATIVIDADES

Julgue os itens de 75 a 80.

75. A narrativa do romance de João Ubaldo Ribeiro é formada por um longo monólogo interior – nenhum interlocutor se expressa com sua própria voz –, pois é o próprio Getúlio que dá voz aos outros personagens.

76. Pode-se classificar a linguagem utilizada no fragmento como uma variante “sertaneja” mesclada com vocábulos cultos, mas que são ilegítimos, pela falta de criatividade do narrador, que utiliza neologismos, gírias e até palavras duras.

77. Na obra, Getúlio tem consciência de que os valores da cidade diferem daqueles que imperam no sertão.

78. Mesmo que apresente nuances regionalistas, a obra de João Ubaldo Ribeiro transcende o aspecto social e político ao tematizar preocupações de ordem universal.

79. Estabelece-se um conflito, na obra “Sargento Getúlio”: de um lado, uma perspectiva primitiva, violenta e animaléscia; d’outro, o requinte moral e ilibado do contexto político da época em que foi escrito.

80. João Ubaldo Ribeiro aproxima-se de Guimarães Rosa na medida em que ambos contam, divagam e refletem com um domínio exuberante da língua que ultrapassa o uso traquejado das variedades regionais.

TEXTO XI - CLARICE LISPECTOR - VIAGEM A PETRÓPOLIS [FRAGMENTO]

Por que Mocinha não dormiu na noite anterior? À ideia de uma viagem, no corpo endurecido o coração se desenferujava todo seco e descompassado, como se ela tivesse engolido uma pílula grande sem água. Em certos momentos nem podia respirar. Passou a noite falando, às vezes alto. A excitação do passeio prometido e a mudança de vida, de repente aclaravam-lhe algumas ideias. Lembrou-se de coisas que dias antes juraria nunca terem existido. A começar pelo filho atropelado, morto debaixo de um bonde no Maranhão — se ele tivesse vivido no tráfego do Rio de Janeiro, aí mesmo é que morria atropelado. Lembrou-se dos cabelos do filho, das roupas dele. Lembrou-se da xícara que Maria Rosa quebrara e de como ela gritara com Maria Rosa. Se soubesse que a filha morreria de parto, é claro que não precisaria gritar. E lembrou-se do marido. Só lembrava o marido em mangas de camisa. Mas não era possível, estava certa de que ele ia à repartição com o uniforme de contínuo, ia a festas de paletó, sem falar que não poderia ter ido ao enterro do filho e da filha em mangas de camisa. A procura do paletó do marido ainda mais cansou a velha que se virava com leveza na cama. De repente descobriu que a cama era dura.

— Que cama dura, disse bem alto no meio da noite.

ATIVIDADES

Julgue os itens de 81 a 88.

81. Há na obra a captação do fluxo de consciência, num verdadeiro mergulho no íntimo da personagem.

82. Mocinha inicia uma reflexão sobre sua própria condição a partir do momento em que vive um processo profundamente introspectivo.

83. Nota-se, no perfil de Mocinha, uma abordagem em que o objetivismo e o determinismo são destacados.

84. Os detalhes exteriores são descritos de forma minuciosa, tornando, muitas vezes, a narrativa lenta.

85. O trecho apresenta erudição e complexidade sintática, o que aproxima a autora dos escritores pré-modernistas.

86. No trecho, há a narração de um processo epifânico vivido pela personagem após a possibilidade de viagem a Petrópolis.

87. A oposição construída entre “virava com leveza na cama” e “descobriu que a cama era dura” sugere, no trecho, que Mocinha passa a ter consciência de si mesma.

88. O trecho “o coração se desenferrujava todo seco e descompassado” revela que Mocinha era uma personagem fria e apática.

89. O trecho do conto “Viagem a Petrópolis” ilustra a acuidade que Clarice Lispector possui ao tratar de elementos que circundam suas personagens. Nele,

- a) há um tom crítico-social, pois traduz as diferenças existentes entre as classes sociais.
- b) há um evidente tom idealizado, responsável por conferir uma atmosfera onírica ao ambiente.
- c) é estabelecida uma visão positivista da realidade a partir de um discurso esperançoso.
- d) é possível perceber a fluidez narrativa ao apresentar uma relação entre o mundo exterior e o mundo interior da personagem.

TEXTO XII - CAIO FERNANDO ABREU - OÁSIS [FRAGMENTO]

Depois do banho assistimos à partida de uma Dejanira nem um pouco Valéria e muito menos lânguida: jogava as roupas na mala e resmungava desaforos em voz baixa. Doía vê-la ir embora, mas as chineladas e a vara de marmelo doeram muito mais. Fomos postos na cama sem jantar. Ficamos muito tempo acordados no escuro, ouvindo o som do rádio que vinha da sala e os passos apressados na rua. Antes de dormir ainda ouvi a voz de Jorge perguntando a Luiz o que era uma revolução, e um pouco mais tarde a voz de Luiz, apagada e hesitante, dizer que achava que revolução era assim como uma guerra pequena. Mais tarde, não sei se sonhei ou se pensei realmente que os aviões não caíam no meio das ruas, e que as ruas não eram desertos, e que portões brancos de quartéis não eram oásis. E que mesmo que portões brancos de quartéis fossem oásis e cinamomos pintados de branco até a metade fossem palmeiras, não se encontraria nunca uma peça de avião no meio de duas palmeiras. E por todas essas coisas, creio, soube que nunca mais voltaríamos a brincar de encontrar oásis no fim das ruas. Embora fosse muito fácil, naquele tempo.

ATIVIDADES

Julgue os itens de 90 a 97.

90. O desenvolvimento da metáfora “oásis” sofre uma ruptura ao longo da narrativa: antes, local de brincadeiras das crianças; ao final, lugar de más lembranças.

91. O conto de Caio Fernando Abreu desloca-se no espaço-tempo, isto é, não apresenta marcas sociais ou históricas, pois tende ao universal e ao consciencial.

92. Nota-se uma profunda idealização do período da infância, característica que aproxima a narrativa dos ideais românticos.

93. O último período do fragmento sugere que “naquele tempo” havia forte presença das forças armadas no contexto sociopolítico do país.

94. O trecho “Ficamos muito tempo acordados no escuro, ouvindo o som do rádio que vinha da sala e os passos

apressados na rua” traduz a atmosfera de quietude e serenidade na qual os personagens estavam inseridos.

95. A narrativa estrutura-se segundo a lógica do monólogo interior e do fluxo de consciência, características presentes, também, na obra de Guimarães Rosa.

96. O fragmento expressa uma denúncia aos maus tratos infantis, presente no trecho “mas as chineladas e a vara de marmelo doeram muito mais”.

97. A linguagem e a estrutura empregadas no texto de Caio Fernando Abreu permitem classificar a narrativa como pertencente à produção literária contemporânea.

TEXTO XIII - JÚLIA LOPES DE ALMEIDA - A CAOLHA [FRAGMENTO]

Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, lábios adelgaçados pelo ódio, narinas dilatadas, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração, o olho esquerdo arrepanhado, murcho – e sujo de pus; via a sua atitude altiva, o seu dedo ossudo, de falanges salientes, apontando-lhe com energia a porta da rua; sentia-lhe ainda o som cavernoso da voz, e o grande fôlego que ela tomara para dizer as verdadeiras e amargas palavras que lhe atirara no rosto; via toda a cena da véspera e não se animava a arrostar com o perigo de outra semelhante.

ATIVIDADES

Julgue os itens de 98 a 104.

98. Apesar de sua condição física, a personagem de “A Caolha” é muito respeitada em seu contexto histórico e social.

99. A construção de um personagem pictórico corrobora a necessidade da literatura brasileira em apresentar tipos sociais que fogem ao padrão, desde o século XIX.

100. O conto trata de questões relacionadas à aparência ao enfatizar o preconceito e a rejeição àqueles que possuem algum tipo de necessidade especial.

101. A narrativa apresenta questões sociais importantes no Pré-modernismo, a saber: a vulnerabilidade da personagem, a marca regionalista de marginalização, a abordagem positivista do preconceito sofrido.

102. A descrição pormenorizada tem como objetivo suscitar, no leitor, a sensação de ojeriza e repugnância causada aos demais pela caolha.

103. A expressão “o som cavernoso da voz” sugere a tensão do momento em que Antonico dirigiu insultos à mãe.

104. Pode-se considerar a temática do conto como universal, pois ela não está restrita a uma época ou a um lugar definido.

TEXTO XIV - CONCEIÇÃO EVARISTO - MARIA [FRAGMENTO]

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entra as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo

um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quando tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tô tudo aqui no buraco do peito...

ATIVIDADES

Julgue os itens de 105 a 109.

105. Conceição Evaristo apresenta a personagem Maria, que, como tantas outras “Marias”, parece seguir um destino já traçado na sociedade brasileira: mulheres negras abandonadas, que trabalham para sustentar, sozinhas, os próprios filhos.

106. Da leitura do conto, infere-se a intolerância com os que pertencem à condição social e econômica mais frágil.

107. A linguagem simples e a estrutura fluida distanciam a narrativa do leitor, o que dificulta a compreensão do discurso suscitado pela autora.

108. Da leitura do segmento “A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão”, infere-se o arrependimento de Maria por ter deixado os filhos sozinhos em casa.

109. A leitura do período “Por que não podia ser de uma outra forma” leva o leitor a inferir que Maria não gostava da vida que atualmente levava e que sentia saudades do passado, quando acreditava que era feliz.

110. Ao estabelecer um recorte no cotidiano de Maria, o narrador promove uma reflexão sobre a condição de vida de um tipo social específico. Assim, nota-se no conto um discurso pautado no(a):

- idealização.
- escapismo.
- engajamento.
- apelo estético.

Gabarito:	
	61. C
	62. C
1. E	63. E
2. C	64. C
3. E	65. E
4. E	66. E
5. C	67. E
6. E	68. C
7. E	69. C
8. C	70. C
9. D	71. C
10. C	72. E
11. C	73. C
12. E	74. A
13. E	75. C
14. C	76. E
15. C	77. E
16. C	78. C
17. D	79. E
18. C	80. C
19. C	81. C
20. E	82. C
21. C	83. E
22. E	84. E
23. E	85. E
24. C	86. C
25. E	87. C
26. C	88. E
27. C	89. D
28. C	90. C
29. E	91. E
30. C	92. C
31. E	93. C
32. C	94. E
33. C	95. E
34. D	96. E
35. C	97. C
36. E	98. E
37. E	99. E
38. C	100. C
39. E	101. E
40. E	102. C
41. C	103. C
42. C	104. C
43. E	105. C
44. E	106. C
45. E	107. E
46. C	108. E
47. E	109. E
48. B	110. C
49. C	
50. C	
51. E	
52. C	
53. E	
54. C	
55. E	
56. C	
57. C	
58. E	
59. C	
60. C	